



ATÉ QUANDO?¹²⁷

por Maria Verônica Moreira Ramiro, Juíza de Direito do TJBA

Mais um 8 de março.

Saí para caminhar na praia logo cedo. A maré estava enchendo.

O mar vinha bonito, atento, quase vigilante.

As ondas se moviam com força e delicadeza ao mesmo tempo, avançando sobre a areia como quem respira profundamente.

A praia estava surpreendentemente vazia.

De vez em quando passava uma mulher correndo.

Outras caminhavam sozinhas, como eu.

E enquanto eu cruzava com essas mulheres, uma pergunta começou a me acompanhar.

Quantas mulheres passam por nós - e quantas não passarão mais?

Quantas já foram arrancadas da vida?

Não por suas escolhas.

Não pelo curso natural do tempo.

Mas porque alguém decidiu que elas não deveriam mais existir.

Foram tiradas.

Arrancadas.

Eliminadas de forma banal, absurda, incivilizada.

E então eu me pergunto: o que exatamente podemos festejar hoje?

O Dia Internacional da Mulher deveria ser apenas celebração?

Ou também um momento de consciência dolorosa?

Porque a verdade, por mais dura que seja, precisa ser dita:

nós vivemos uma guerra contra as mulheres.

Uma guerra que atravessa casas, ruas, cidades.

¹²⁷ **Como citar este texto:** RAMIRO, Maria Verônica Moreira. Até quando? **Revista COCEVID**, v. 3, n. 1, p. 338–342, 2026.



Uma guerra que atravessa classes sociais, profissões, níveis de educação.

A imensa maioria das mulheres sofre.

Sofrem as que dependem economicamente.

Sofrem as que ainda buscam seu lugar no mundo.

Mas sofrem também as mulheres bem-sucedidas.

Bonitas.

Competentes.

Inteligentes.

Elas também são alvo. Todas somos, melhor dizendo

Talvez justamente por isso.

E os números não deixam dúvidas.

Em 2025, o Brasil registrou 1.568 feminicídios. Leia devagar. 1-5-6-8 mulheres foram assassinadas. Isso significa mais de quatro mulheres assassinadas por dia, mortas simplesmente por serem mulheres.

Na maioria das vezes, mortas dentro do próprio círculo de convivência.

Por companheiros.

Ex-companheiros. E até por supostos interessados não correspondidos.

Homens que um dia disseram amá-las ou que se imaginavam amando-as.

Desde que o feminicídio passou a ser reconhecido como crime no país, em 2015, mais de 13 mil mulheres já tiveram suas vidas interrompidas dessa forma.

Na Bahia, apenas nos últimos cinco anos, mais de quinhentas mulheres foram vítimas de feminicídio. É triste demais escrever isso, mas não posso esconder a realidade.

E o pior: sabemos que esses números podem ser ainda maiores.

Porque muitas mortes sequer chegam a ser reconhecidas como aquilo que são (quantas não são suicidas, dadas por desaparecidas ou vítimas de acidentes mal explicados...?).

Então, neste Dia Internacional da Mulher, antes de qualquer celebração, eu quero fazer uma homenagem silenciosa.

Às mulheres que eu nunca conheci.

Às que cruzaram a vida de alguém e desapareceram.

Às que tiveram suas vidas interrompidas de forma brutal.



E também àquelas que eu conheci.

A cada uma dessas mulheres foi roubada uma possibilidade.

Foi-lhe roubada a chance de continuar dizendo ao mundo quem elas eram.

Foi-lhe roubada a chance de abraçar seus filhos. De amar. De serem amadas por quem escolheram. De simplesmente existir.

Os casos se sucedem.

São tantos.

E não são apenas mulheres mortas. São famílias inteiras atravessadas pela violência.

Filhos que crescem sem mãe. Mães e pais que enterram filhas. Lares que nunca mais voltam a ser os mesmos.

Enquanto caminho, as ondas quebram na areia e deixam uma espuma branca que dura apenas alguns segundos.

Ela surge. Brilha. E desaparece.

E penso: quantas dessas mulheres nunca mais verão isso.

Nunca mais verão o mar. Nunca mais sentirão o vento.

Nunca mais caminharão sozinhas numa manhã como esta.

Enquanto caminho, percebo também outra coisa.

Eu vou deixando marcas na areia. Cada passo meu fica ali, ainda que por bem pouco tempo.

Mas aquelas mulheres...

Aquelas mulheres nunca mais farão marcas na areia.

Nunca mais.

As marcas delas agora estão em outros lugares.

Estão em corações sofridos.

Em corações saudosos.

Em corações revoltados por falta de respostas. Em corações indignados.

Estão na memória de filhos que crescerão sem a mãe.

De pais que enterraram suas filhas.

De amigos que ficaram tentando compreender o incompreensível.

Suas lembranças permanecerão.

Seu legado permanecerá.



Mas suas histórias estarão sempre atravessadas por algo que jamais deveria ter acontecido: um trauma.

Uma dor profunda. Um ato indigno. Um gesto de barbárie.

Eu confesso que não tenho muitas palavras.

Porque este é um assunto que me toca profundamente.

E dói. Dói pensar que tantas vidas foram interrompidas de forma tão absurda.

Dói perceber que seguimos convivendo com isso como se fosse apenas mais uma notícia.

Então a pergunta continua ecoando dentro de mim, enquanto caminho pela praia: o que mais ainda precisamos fazer?

O que ainda falta entender?

O que ainda não compreendemos, como sociedade, para que continuemos enfrentando algo tão brutal, tão absurdo, tão inaceitável?

Até quando?

Antes de terminar esta caminhada, fiz um gesto simples na areia.

Escrevi: 8 de março. Logo depois uma onda veio e cobriu parte do que eu havia escrito.

Depois refiz.

E ali lembrei que o 8, quando está de pé, é apenas um número. Mas quando o colocamos deitado, ele se transforma no símbolo do infinito.

E eu pensei no infinito de possibilidades que ainda existe. O infinito de vida que resta em cada mulher que conhecemos.

Em cada mulher que somos.

E em cada mulher que ainda virá habitar esta terra.

Que ninguém se arrogue, impunemente, o direito de interromper isso. Que ninguém se julgue dono da vida de uma mulher. Que ninguém se levante com a pretensão de nos derrubar ou nos matar.

Porque nenhuma vida humana pode ser reduzida ao orgulho ferido de alguém.

Quero também, neste momento, prestar uma homenagem sincera.

A todas as mulheres, organizações, instituições e pessoas que dedicam suas vidas a enfrentar essa realidade dolorosa.

Àquelas que denunciam os feminicídios.

Àquelas que acolhem vítimas.



Àquelas que pesquisam, estudam, escrevem, legislam, julgam, educam e lutam diariamente contra a discriminação e a violência.

São mulheres que não descansam.

Que transformam indignação em trabalho.

Que oferecem suas próprias vidas a uma causa tão nobre - e tão dolorosa.

Aqui, na Bahia, quero mencionar, de modo muito especial, a minha amiga, Desembargadora Nágila Brito.

Uma precursora dessa luta.

Incansável.

Acessível.

Empática.

Profundamente humana.

Seu trabalho é belíssimo e inspirador.

E ao lado dela existem muitas outras mãos valiosas, aqui e ao redor do nosso país.

Eu as reconheço.

Eu as homenageio.

Mas muito mais precisa ser feito. Em muitos níveis da sociedade.

Porque vidas continuam sendo interrompidas.

Fiz ainda algumas imagens ao longo de minha caminhada, inclusive vídeos (com as ondas cobrindo e revelando a escrita na areia, enquanto as marcas dos passos permanecem por um instante antes de desaparecer). Escolhi uma música que amo para esse momento porque talvez algumas reflexões precisem de silêncio. E de beleza. Para que possamos ter força para continuar perguntando –

até quando...